



**Pedro Paulo Souza Rios**  
Organizador

**SUBJETIVAÇÕES E DISSIDÊNCIAS  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES  
NO SEMIÁRIDO**



## Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Adriana Marmori Lima  
**Reitora**

Dayse Lago de Miranda  
**Vice-Reitora**



## Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

**Diretora**  
Sandra Regina Soares

### Conselho Editorial

<b>Titulares</b>	<b>Suplentes</b>
Cláudio Alves de Amorim	Marluce Alves dos Santos
Maristela Casé Costa Cunha	Natan Silva Pereira
Rudval Souza da Silva	Mônica Beltrame
Reginaldo Conceição Cerqueira	Marcos Antonio Vanderlei
Nilson Roberto da Silva Gimenes	(sem suplente)
Lícia Maria de Lima Barbosa	Carmélia Aparecida Silva Miranda
Agripino Souza Coelho	Jussara Fraga Portugal
Alan da Silva Sampaio	José Ricardo Moreno Pinho
Cesar Costa Vitorino	Leticia Telles Cruz
Rosemary Lapa de Oliveira	Baktalaia de Lis Andrade Leal
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira	Neila Maria Oliveira Santana
Elizeu Clementino de Souza	Minervina Joseli Espínola Reis
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios	Marilde Queiroz Guedes
Simone Leal Souza Coité	Ana Lúcia Gomes da Silva

**Pedro Paulo Souza Rios**

Organizador

**SUBJETIVAÇÕES E  
DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO  
E SEXUALIDADES NO  
SEMIÁRIDO BAIANO**

Salvador

EDUNEB

2022

© 2022 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.  
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica,  
resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.  
Depósito Legal na Biblioteca Nacional.  
Impresso no Brasil em 2022.

**Coordenação Editorial**

Fernanda de Jesus Cerqueira

**Coordenação de Design**

Sidney Silva

**Capa e Diagramação**

Henrique Rehem Eça

**Revisão Textual e Normalização**

Tikinet Edição

**Revisão de Prova**

Itana Nunes

**Revisão de Diagramação de Prova**

Sidney Silva

**Imagem da capa**

Marcelo Chagas

FICHA CATALOGráfICA

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

---

Subjetivações e dissidências de gênero e sexualidades no Semiárido baiano/ Organizado  
por Pedro Paulo Souza Rios. – Salvador: EDUNEB, 2022.

178 p.

ISBN 978-65-88211-42-7

1. Sexualidade. 2. Gênero. 3. Semiárido baiano I. Rios, Pedro Paulo Souza.

CDD: 301.417

---

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

www.uneb.br



Dedicamos este livro a:  
Zé Gatinha, Fran Demétrio e Paulinho  
Vasconcelos (*em memória*), por terem  
forjado caminhos para a vivência  
de outras subjetivações de gênero e  
sexualidades no semiárido.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é uma ação posterior ao ato de ser acolhido/a. Retomo o sentido e o significado do termo para dizer que a concretização deste livro se deu por meio de uma sequência de acolhimentos. Por isso se faz necessário agradecer:

Aos/às coautores/as desta obra: Elder Luan, Denyse Santos, Antonio Carvalho, Antonio José e Diego Oliveira, que prontamente acolheram a proposta de escrever suas vivências de gênero e sexualidade. Gratidão a cada um/a de vocês!

Ao Professor Doutor Márcio Caetano que em meio aos afazeres da profissão docente encontrou tempo para ler os textos e nos prestigiar com o prefácio.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Sexualidades do Sertão (GENESES-Sertão), por ousar (re)memorar as histórias de dissidências de gênero e sexualidades, tendo por base o semiárido baiano.

A toda equipe da EDUNEB, por assegurar por meio de publicações que os distintos saberes elaborados e sistematizados em diferentes áreas do conhecimento possam ser socializados.





# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>11</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>DINÂMICAS DE ENTRADAS E SAÍDAS DO ARMÁRIO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GAY NUMA CIDADE DO INTERIOR DA BAHIA</b>	<b>23</b>
Elder Luan dos Santos Silva	
<b>“TRANS”FORMANDO A TRAJETÓRIA, RESSIGNIFICANDO A PEDAGOGIA: RELATO AUTOBIOGRÁFICO DA TRAJETÓRIA DISSIDENTE DE UMA TRAVESTI DO SEMIÁRIDO BAIANO</b>	<b>47</b>
Denyse de Almeida dos Santos	
<b>VEREDAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UM PROFESSOR VIADO</b>	<b>75</b>
Antonio Carvalho dos Santos Junior	
<b>ZÉ GATINHA, O ESTRANHO QUE HABITA EM MIM: VIVÊNCIAS E TESSITURAS SOBRE O SER GAY</b>	<b>97</b>
Pedro Paulo Souza Rios	
<b>MONÓLOGO PESSOAL: ETNOGRAFIA (ÀS AVESSAS) DE UM NEGROGAY SITUADO</b>	<b>127</b>
Antonio José de Souza	

**NEGAR A SI MESMO: NARRATIVAS DE (SOBRE)  
VIVÊNCIAS DA HOMOSSEXUALIDADE E OS  
PRINCÍPIOS EVANGÉLICOS** **153**

Diego Cardoso de Oliveira

**AUTORES** **177**

## PREFÁCIO

Tenho dito que uma de minhas primeiras experiências com textos feministas foi com reflexões que, dentre tantas questões, me instigaram, no momento da leitura, para a noção e potência assumidas pela escrita para populações e indivíduos em situação de invisibilidade e/ou subalternidade. Desde aquele instante, essa perspectiva política de narrativa da vida por meio da escrita passou a orientar as formas como tenho imaginado e construído a minha carreira acadêmica e estimulado as minhas orientandas e orientandos em suas pesquisas. Não obstante ao impacto que tive com a compreensão político-subjetiva dos textos feministas, o processo de autoquestionamento e posição tornou-se ainda mais forte quando do entendimento da importância, para as camadas subalternizadas, de assumir o controle sobre o que é dito sobre elas.

Se, por um lado, somos seres afetados pelas práticas discursivas que buscam nos moldar e configurar dentro das normatizações, também não somos idênticos/as àquilo que a hegemonia busca projetar sobre nós por meio de suas narrativas. Existem diversos discursos e engendradas estruturas de subjetivação buscando, a todo tempo, conformar os modos de vida e as matrizes de nosso processo biográfico. Nessa lógica de subjetivação, o modelo binário de homem e mulher, que ancora o indivíduo-projeto ideal, tem em seu cerne a branquitude, a heterossexualidade e a burguesia. Sendo assim, haveria possibilidade para projeções alternativas, ou, especificamente, fora dessa lógica de produção?

Orientado por essa pergunta que chego ao livro *Subjetivações e dissidências de gênero e sexualidades no semiárido baiano*, organizado pelo meu amigo Pedro Paulo Souza Rios. Caminhando como um *flâneur*, vou percorrendo os textos da publicação buscando as pistas e reescritas de histórias olhando para as marcas deixadas no chão do semiárido das experiências, existências e insurgências. O que encontrei foram múltiplas discussões que me conduziram às interseccionalidades que o corpo, como lócus de produção e significação da cultura, sustenta.

Os artigos deste livro me levaram ao entendimento de que é necessário ocupar os espaços por meio da reinvenção de nossas escritas olhando para as pistas de nossas memórias cotidianas porque elas nos ensinam o que somos e como estamos. De algum modo, a leitura deste livro me rememorou as experiências construídas quando do meu encontro com as perspectivas feministas de produção do conhecimento.

Ainda que o debate em torno do conceito seja intenso, a memória pode ser compreendida para além das redes de significados da imaginação – naquilo que é entendido enquanto fantasioso, irreal e fictício. Nesse sentido, ela tem a capacidade de nos remeter ou “se fazer remeter” às leituras do passado. Assim, ela passa a ser o meio pelo qual temos acesso a nossa vida e a percebemos/construímos intermediada pela escrita da história. De certo modo, só vivemos nossa vida narrando-a e, por vezes, escrevendo-a nas múltiplas linguagens das histórias.

Na conjugação de narrativas de vidas que se encontram, a memória em *Subjetivações e dissidências de gênero e sexualidades no semiárido* pode ser entendida, sobremaneira, como uma capacidade de (res)significação das experiências de si. Em textos que nos contam,

a contragosto da normatividade, o *espaço-tempo* da insurgência, este livro nos mobiliza a refletir sobre a apropriação da vida por meio das narrativas memorialísticas de pessoas que ousaram existir. Nesse caminho, o livro nos reafirma que o direito à memória pode ser entendido também como sinônimo de garantia de liberdade para existir.

A opção de criar liberdades e novas questões à vida são as bases da sociedade democrática. Com este livro percebemos que, em situações democráticas, o fim da vida é o limite da criação e da invenção de si. Como na política e na cultura, a narrativa de si é o lugar imaginativo em que se reúnem os discursos sociais mais amplos. Porém, na cultura, na política e na existência também coabitam espaços onde se abre a possibilidade de romper os significados, refazer os interesses, buscar as ideias e onde a inconformidade pode possibilitar outras configurações de estar no mundo.

Este livro reforça que ainda que o mundo exista sem a nossa presença, nossa presença nele nos exige criatividade para inventá-lo. Para que o mundo tenha sentido devemos criar e significar o que já contém, devemos aprender a interrogá-lo e a inventar o que ainda não foi criado em nossas reivindicações no e com o mundo. Assim sendo, o que Pedro Rios nos convida, com as pessoas que estiveram com ele na escrita deste livro, é viver criativamente para não cairmos no fosso da mediocridade conservadora.

**Marcio Caetano**

Professor da Faculdade de Educação e do  
Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL  
Outono pandêmico, 2021



# APRESENTAÇÃO

## NÓS, POR NÓS: VIVÊNCIAS E TRAJETÓRIAS DE RE-EXISTÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO SEMIÁRIDO BAIANO

*“Não quero lhe falar, meu grande amor  
De coisas que aprendi nos discos  
Quero lhe contar como eu vivi  
E tudo o que aconteceu comigo”*  
(BELCHIOR, 1976)

Durante muito tempo a nós, que nos constituímos enquanto Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexuais (LGBTTQIA+), foi negado o direito de discorrer acerca de nossas próprias vivências e trajetórias de vida, consideradas desnecessárias, por serem tomadas como obscenas, pecaminosas, passíveis de censuras e proibições. As histórias inerentes às nossas experiências de subjetivação de gênero e sexualidade seriam no máximo boquejadas como não exemplos, meros decalques, cópias malfeitas, protótipos a não serem seguidos, borrões sociais a serem apagados.

Esse apagamento social, por meio da não escrita, era/é pauta-do em concepções de cunho religioso, por meio das quais têm sido estabelecidos conceitos de normalidade, cuja gênese é a construção da heteronormatividade, instituída como norma para se viver as distintas subjetivações de gênero e sexualidades.

Considerando esse contexto, pessoas LGBTTTQIA+, por se sentirem silenciadas e excluídas do convívio social heteronormativo, em que a hegemonia masculina se constituía como sendo a única forma de ser aceito, passam a questionar o preconceito e a discriminação baseados na identidade sexual e de gênero. Emergindo, assim, o desejo, há tempos contido, de escrevermos sobre nossas próprias histórias. Dessa maneira, o fragmento da música *Como nossos pais*, descrito na epígrafe dessa apresentação, expressa bem o sentimento contido em cada uma das trajetórias narradas nesse livro: não quero[mos] falar, narrar meramente sobre o que aprendemos em livros, discos, quero[emos] contar como vivi[emos] e quais foram/são as trajetórias percorridas por cada um/a de nós, tendo por demarcador a diferença, característica que nos une. Dessa maneira, não nos convidem a sermos iguais, porque somos diferentes.

Entendemos, portanto, que as subjetivações de gênero e sexualidades são diferentes, sinalizando, portanto, a necessidade de utilizarmos o plural para nos referirmos às identidades de gênero. Nesse sentido, nesta escrita falamos de homossexualidades, transexualidades, travestilidades, uma vez que tais categorias são perpassadas e constituídas por outras categorias, como geração, raça, etnia, religiosidade, território, que, inevitavelmente, irão incidir nas vivências e, conseqüentemente, na constituição dessas identidades.

Sob esse prisma, ser homossexual, transexual e travesti e assumir publicamente esse lugar, ainda que algumas vezes estrategicamente seja necessário recuar, em cidades do interior é diferente de sê-lo em cidades grandes. Acreditamos que a vigilância, o controle, a disciplina e o enquadramento enquanto demarcadores socioculturais, pelos quais somos atravessados por sermos tomados/as como estranhos/as, tendo por base nossas identidades de gênero e suas



intersecções, são bem mais evidenciados em contextos de cidades interioranas.

Nesse sentido, os seis capítulos que compõem esta obra foram escritos na primeira pessoa, pois dizem respeito às nossas vivências e trajetórias, os caminhos percorridos e, que, aos poucos, foi nos constituindo naquilo que somos/seremos. Nessas narrativas nos perguntamos: “como nos tornamos isso que nós somos?” (FOUCAULT, 2007). Não temos respostas para tal indagação, nem se configura enquanto nosso objetivo nestas escritas. Contudo, é possível inferir que nossas trajetórias estão imbuídas dos/nos distintos aromas que marcaram nossas infâncias, quando crianças no sertão da Bahia.

Para tanto, no discorrer destas narrativas, é notório que a arte e as técnicas de si, especialmente a escrita (FOUCAULT, 2006), ganham lugar de destaque, uma vez que acabam por conectar as palavras a uma ética, associadas à existência individual e coletiva de cada um de nós, por meio da produção de nossas identidades, nossas existências, re-existências e teimosia, que se constituem a partir dos territórios que habitamos, sem que seja necessário nos limitarmos a eles. Diga-se de passagem, para nos constituirmos a partir deles, o êxodo foi necessário. Re-existência aqui enquanto vivência prática cotidiana, a partir da diferença pautada na epistemologia decolonial (MIGNOLO, 2017). Neste livro propomos situar os significados de existência e inexistência condicionados à noção de presença do corpo gay, travesti e transexual que está à margem e se relaciona com os outros a partir dela.

Ser menino gay no sertão da Bahia não é fácil. Nossa educação foi/é marcada pela heteronormatividade, a partir do estigma do “cabra-macho” (RIOS, 2016). Fazia-se/faz-se necessário ser duro, insensível, seco, áspero, características equivocadas atribuídas

historicamente aos territórios semiáridos, sendo incorporadas à nossa constituição identitária de gênero.

Partindo de tais pressupostos, *Subjetivações e dissidências de gênero e sexualidades no semiárido baiano* tem por objetivo refletir acerca das múltiplas identidades que nos constituem enquanto gays afeminados, mulheres trans e travestis em territórios semiáridos, a partir dos distintos demarcadores.

No texto “Dinâmicas de entradas e saídas do armário no processo de construção da identidade gay numa cidade do interior da Bahia”, Elder Luan dos Santos Silva reflete sobre sua experiência identitária enquanto homem gay numa cidade do interior, marcada pela solidão afetivo-sexual, pela dificuldade de constituição de redes de sociabilidade e apoio, pela ausência de referências e pela vivência afetivo-sexual privada e subalterna, mediada pelos processos de entrada e saída de múltiplos armários. Elder ressalta que a vivência e a constituição da identidade nesses territórios são completamente diferentes e as diferenças estão afora da distância geográfica.

No texto “Trans’formando a trajetória, resignificando a pedagogia: relato autobiográfico da trajetória dissidente de uma travesti do semiárido baiano”, Denyse de Almeida dos Santos discorre acerca de suas vivências enquanto travesti no semiárido baiano, refletindo sobre as dissidências e os marcadores de sexualidade, gênero, raça e territorialidade que recaem sobre sua subjetivação de gênero.

No texto “Veredas autobiográficas de um professor viado”, Antonio Carvalho dos Santos Junior realizou um esforço autobiográfico, invocando memórias de sua trajetória de formação escolar a fim de entender como se constitui um corpo viado docente. Suas memórias, desde o ensino fundamental, médio e superior, são

acionadas no artigo, em uma elaboração reflexiva acerca das violências homofóbicas dentro e fora dos espaços institucionalizados de ensino.

No texto “Zé Gatinha, o estranho que habita em mim: vivências e tessituras sobre o ser gay”, Pedro Paulo Souza Rios reflete acerca de suas trajetórias de vida, buscando entender o estranho que habita o processo de construção identitária de meninos gays. Desde as conversas informais, a partir de bate-papos entre amigos/as, perpassando por reuniões de estudo, encontros acadêmicos, dentre outros, tornou-se recorrente narrativas do tipo: “Quando era criança sentia que tinha algo estranho em mim”, “Me sentia tão estranho por não gostar das mesmas coisas que os outros meninos”, ou ainda, “As pessoas estranhavam meu jeito afeminado de ser”. Nesse contexto, Zé Gatinha era a personificação das “vítimas escandalosas”, os/as chamados/as estranhos/as, aos quais eram “avizinados” todos os meninos “anormais”.

No texto “Monólogo pessoal: etnografia (às avessas) de um negrogay situado”, Antonio José de Souza escreve a partir dos entrecruzamentos das lembranças e dos fragmentos de sua história de vida, tendo por marcadores o fato de ser negro e gay. O autor analisa a própria trajetória, tendo por base a docência e suas vivências escolares.

No texto “Negar a si mesmo: narrativas de (sobre)vivências da homossexualidade e os princípios evangélicos”, Diego Cardoso de Oliveira discorre acerca dos processos de construção/desconstrução/reconstrução das identidades de gênero de um gay, marcados por sua formação religiosa judaico-cristã. O autor reflete que viver a homossexualidade em uma sociedade pautada nos princípios heteronormativos o levou a entender que era preciso viver em vez de

sobreviver e, para que esse prelúdio se configurasse em realidade palpável, era necessário romper com amarras de ordem psicológica, familiar, religiosa, sexual, dentre outras, que de alguma maneira acabavam por impedi-lo de ser e viver sua identidade de gênero e orientação sexual.

Os textos a seguir nada mais são do que *nós*, gays afeminados, travestis, nossos corpos interioranos, *por nós*. A partir daquilo que vislumbramos tendo por gênese nossas subjetivações. Nesse sentido, a escrita de nós mesmos/as, de alguma maneira, representa nosso existir e nosso re-existir, uma vez que redimensiona os elementos basilares que interpretam essa discussão, elucidando saberes e vivências não inéditas, mas com potencial no campo dos estudos LGBTTQIA+.

*Subjetivações e dissidências de gênero e sexualidades no semiárido baiano* é a escrita de pessoas reais, com seus dramas, suas realidades, suas trajetórias, que, por meio das narrativas, conforme ressalta Souza (2007), acabam sendo ressignificadas, ao tempo em que são atribuídos novos sentidos às vivências daqueles/as que narram. Acreditamos, portanto, que a ideia mais latente neste livro é exatamente atribuir novos sentidos e significados às trajetórias dos/as autores/a e quiçá dos/as leitores/as.

Então é isso... agora adentrem nossas histórias. Boa leitura!!!

**Pedro Paulo Souza Rios**  
Povoado de Lagoa do Peixe  
Outono de 2021.

## REFERÊNCIAS

- COMO nossos pais. Intérprete: Belchior. *In: ALUCINAÇÃO*. Intérprete: Belchior. Rio de Janeiro: Phillips-Polygram, 1976. 1 disco vinil, lado A, faixa 3.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: ética, sexualidade e política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. 5.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v.1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 28 dez. 2021.
- RIOS, Pedro Paulo Souza. *Da terra seca brota uma flor: relação de gênero e educação no contexto semiárido*. Curitiba: CRV, 2016.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Revista Educação (UFMS)*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, 2014.



# DINÂMICAS DE ENTRADAS E SAÍDAS DO ARMÁRIO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GAY NUMA CIDADE DO INTERIOR DA BAHIA

Elder Luan dos Santos Silva

Em *A epistemologia do armário*, Eve Kosofsky Sedgwick (2007) utiliza a metáfora do armário para explicar o processo de privatização, vigilância e silenciamento das sexualidades dissidentes. Para a autora, o armário é algo inerente à condição não heterossexual e, até mesmo entre as pessoas que vivenciam abertamente e publicamente as suas sexualidades, ele não deixa de estar presente nas relações, sejam elas pessoais, econômicas ou institucionais (SEDGWICK, 2007).

Segundo Sedgwick (2007), o armário é uma instituição imposta às sexualidades dissidentes, que, ao longo dos anos, tem definido a forma inicial como as violências e as opressões se manifestam na vida de meninos e meninas gays e lésbicas. Desde o século XX, o armário se tornou um mecanismo formador da vida social e da identidade sexual dissidente, regulando e controlando a publicização das sexualidades e dos desejos (SEDGWICK, 2007).

Diariamente, pessoas gays, assumidas ou não, lidam com interlocutores que não sabem e/ou questionam a sua sexualidade. A construção dos armários funciona ora como uma imposição

violenta, condicionada pelos processos heterossexistas de formação das identidades sexuais, ora como uma alternativa para sujeitos com sexualidades dissidentes se esconderem dos processos de recolonização e enfrentamento de suas identidades. Nesse sentido, o armário se constitui como uma presença formadora da identidade de pessoas gays e lésbicas, mesmo para aquelas que publicizam a sua sexualidade desde muito cedo.

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Sedgwick (2007) pensa a noção de armário não como algo fixo, dado, que em algum momento da vida será rompido de forma apocalíptica, num processo linear de construção do orgulho. O armário é entendido pela autora como algo contínuo e central, como parte da narrativa histórica do processo de construção de subjetividades de gênero e sexualidades dissidentes, especialmente em função da sua estrutura que é definidora da opressão gay.

A construção e os processos de entrada e saída dos armários contribuem e alicerçam a violência contra pessoas com sexualidades dissidentes, legitimam a heteronormatização das relações não heterossexuais e compactuam com a manutenção das estruturas normativas de sexo e gênero, reforçando relações e sistemas de opressão a quem teve ou não a sexualidade publicizada.

Para Schulman (2012), a experiência de assumir-se é algo que a maioria das pessoas homossexuais compartilha e que não tem



quaisquer paralelos com a vida heterossexual. Segundo a autora, esse processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social é quase sempre permeado por processos de inferiorização e exclusão familiar. Dessa forma, o processo de assumir-se gay ou lésbica se dá em meio a um conjunto de expectativas sociais e de gênero subjacentes, não raro, mediados por processos de expulsão, de rupturas ou de retirada obrigatória dos armários. Sair do armário ou ser forçosamente expulso deles,

[...] é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade. (SEDGWICK, 2007, p. 38).

Retomo aqui as reflexões de Sedgwick (2007) para pensar, a partir da noção de armário, os meus próprios processos de construção da identidade gay e das minhas subjetivações de gênero e sexualidade. Estar no armário e/ou sair dele serão compreendidos neste texto, a partir das reflexões de tais reflexões, como processos não lineares e transitórios que ainda não se findaram, mas que se reconstroem cotidianamente.

Eu sou Elder Luan dos Santos Silva, um homem, branco, gay, cis, oriundo de escola pública, que saiu do semiárido baiano para se graduar em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Sou mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade e doutorando em Estudos Interdisciplinares sobre Gênero, Mulheres e Feminismos, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desde a graduação tenho me inclinado a refletir sobre as questões de gênero e sexualidade na educação.

Neste texto, reflito acerca dos meus processos de entrada e saída dos armários, da negação dos afetos e da ausência de redes de apoio e sociabilidade no processo de construção e constituição de subjetividades da minha identidade enquanto homem gay no e do interior. Acionarei como instrumento de análise as minhas próprias vivências enquanto homem, branco, interiorano e oriundo das classes populares, pensando a minha experiência em lugares distintos, não só lugares geográficos, mas lugares sociais, afetivos e sexuais, que fornecem pistas para pensar nos processos de sociabilidades interioranas de pessoas LGBTQIA+, particularmente de homens gays.

Primeiro, discorro sobre os processos de socialização que condicionaram a construção do armário como uma estratégia para fugir dos processos violentos de enfrentamento de minhas subjetividades; em seguida, discorro sobre a construção do orgulho e as *saídas* possibilitadas pelo acesso ao ensino superior e pelo afastamento dos meus lugares de origem; por fim, relaciono os múltiplos processos de entrar e sair do armário que se deram e ainda se dão no trânsito entre a militância universitária e as relações familiares.

## ENTRE ARMÁRIOS E GUETOS

Olhando hoje para minha própria trajetória, o armário sempre foi e ainda é uma instituição presente na vivência e expressão da minha sexualidade, seja pelos meus privilégios de raça e gênero e as posicionalidades que a branquitude e a cisgeneridade me dão, seja pelos processos ora violentos e tortuosos, ora resistentes e orgulhosos que a viadagem possibilita.

Durante grande parte da minha trajetória de vida e formação, a minha sexualidade foi vivenciada de maneira subalterna e em espaços privados. Nascido e criado na cidade de Ponto Novo, Bahia, a 338 quilômetros de Salvador, a minha infância e adolescência foram marcadas pela falta de referência de pessoas LGBTTTQIA+, total ausência de espaços que questionavam, debatiam e/ou problematizavam as questões de gênero e sexualidade e a inexistência de lugares públicos para vivência das sexualidades dissidentes.

Ao contrário das capitais e grandes metrópoles, onde há uma cena LGBTTTQIA+ instituída há muito tempo, em cidades como Ponto Novo, que possuem menos de 20 mil habitantes e estão localizadas longe dos grandes centros urbanos, inexistem espaços que politizem a sexualidade, que possibilitem a construção do orgulho e que permitam a vivência dos afetos.

Em Salvador, por exemplo, Nascimento e Fernandez (2010) observam que, desde os anos 2000, espaços da cidade já vinham sendo ocupados por pessoas LGBTTTQIA+. Essas ocupações, que os autores chamam de esparsas, se espalhavam pelos cantos da cidade, possibilitando que redes de sociabilidade, mesmo que guetizadas, fossem instituídas.

Parker (2002), Macrae (1990), Perlongher (1987) e Castells (1999) discutem a importância das redes de sociabilidade no processo de construção das identidades gays. Segundo os autores supracitados, os agrupamentos entre pessoas gays contribuem na construção da identidade e nos processos de auto-organização, garantindo condições de existência e manifestação identitárias (FEITOSA; SILVA; ZACARIAS, 2020). Macrae (1990) ressalta que, nos anos de 1980-1990, a instituição desses lugares estava atrelada

à necessidade de se encontrar em espaços onde houvesse maior segurança de ataques violentos.

Ao longo dos anos de 1980, 1990 e até a primeira década dos anos 2000, nas capitais, esses espaços se instituía-m de forma guetizada, em função das dificuldades encontradas por pessoas LGTBTTQIA+ para vivenciarem e expressarem as suas sexualidades e os seus desejos em locais públicos (PARKER, 2002). Essa ideia de guetos, discutida por Parker (2002) e Macrae (1990), mesmo não nos servindo tanto para refletir sobre os processos de construção da identidade nos interiores, onde não há quaisquer agrupamentos de pessoas LGTBTTQIA+, é importante para ajudar a pensar a forma como os afetos sexuais eram vivenciados, já que era somente em lugares subalternizados que as pequenas rachaduras eram feitas nos armários.

Ao longo de minha infância, a minha performance de gênero sempre foi marcada como não heterossexual. Desde muito cedo me recordo de ser apontado como viado. Seja na escola, pelos colegas de classe que performavam uma masculinidade hegemônica, seja nas relações familiares, com primos que também se enquadravam naquilo que é socialmente esperado para homens, meu corpo, por ele mesmo, anunciava que algo não fluía em total acordo com a tríade normativa sexo-gênero-desejo.

As primeiras violências que experimentei ao longo da infância não tinham a ver com a minha sexualidade, ou com o meu desejo de me relacionar afetivo-sexualmente com pessoas do mesmo sexo que o meu, elas se relacionavam com a minha performance de gênero, que estava em desacordo com aquilo que a sociedade espera para pessoas que nascem com pênis. Era a não materialidade do meu sexo na minha performance de gênero que me expunha às situações de violência.

Gênero e sexo são construídos e estabelecidos a partir de ideias de normalidade. Ao ser instituída como norma, a heterossexualidade é performada de modo que possa construir a materialidade do sexo nos corpos, de modo que também se materialize a diferença sexual (BUTLER, 2003). As expectativas sociais sobre meninos e meninas instituídas desde a infância funcionam como mecanismo de normatização dos corpos, das sexualidades e das performances de gênero.

Me recordo de inúmeras experiências nas quais, antes mesmo de falar, as pessoas já estavam me lendo como viado. A construção da minha identidade sexual, assim como de outras pessoas LGBTTQIA+, foi marcada, inicialmente, por uma leitura que o outro fazia sobre meu corpo, e não sobre um processo de autodescoberta. Muito além do desejo sexual, desde muito cedo, comecei a entender que existia algo em mim que me diferenciava dos outros meninos: para eles eu não era homem, eu era viado.

Isso condicionou a forma como a minha sexualidade foi vivenciada e minha identidade constituída. Passei a infância e adolescência em constante estado de vigilância, tentando ser menos viado e mais homem, construindo e solidificando armários diversos: na escola, em casa, na igreja e nas relações afetivas sexuais. Sem redes instituídas, e sem espaços de socialização coletiva, na minha adolescência, a vivência da sexualidade se dava também de maneira guetizada, nas leves escapadas do armário.

O principal dilema encontrado na construção da minha trajetória enquanto menino gay em Ponto Novo se dava no modo como a falta de relações afetivo-sexuais condicionava uma vivência solitária, subalterna e guetizada da sexualidade. Os guetos do interior são os becos escuros, as construções e os terrenos abandonados, os lugares

privados, não vistos e escondidos, onde é possível receber afetos e realizar trocas sexuais em locais não destinados a essas práticas.

Os pequenos movimentos de saída dos armários para a vivência dos desejos se davam somente nesses lugares insólitos e em relações que jamais poderiam ser públicas ou publicizadas. Além de não haver espaços públicos e/ou privados de sociabilidade, as demonstrações públicas de afeto também eram interdidadas em função das restrições às sexualidades não heterocêntricas (FERRARI; BARBOSA, 2014). Segundo Feitosa, Silva e Zacarias (2020), nas trajetórias de vida de homens gays do interior é comum que a guetização dos afetos e a sociabilidade não se deem de maneira coletiva:

Na experiência gay interiorana ocorre de maneira individual e solitária, indo desde a impossibilidade de beijar em público e manifestar abertamente sua sexualidade, à dificuldade de manter relações sexuais em lugares não marginalizados e subalternos. Assumir uma sexualidade dissidente, assumir-se lésbica ou gay não é também garantia de vivência pública da sexualidade, mas sim um passe livre para as violências físicas e simbólicas, o que em alguma medida condiciona a solidificação dos armários. (FEITOSA; SILVA; ZACARIAS, 2020, p. 325).

Por outro lado, as relações afetivo-sexuais (ou somente sexuais) foram facilitadas e possíveis em função dos guetos – já que jamais aconteceriam em lugares públicos. Esse paradoxo não é específico de minha vivência e se repete em outras trajetórias de vida e formação de pessoas gays: em público, a minha sexualidade e performance de gênero eram contestadas por pessoas que também faziam sexo com outros homens, mas que não se identificavam nem eram lidos como gays.

Ser viado era sobre a performance de gênero, e não necessariamente a materialização do desejo sexual. Tanto que, na minha própria experiência, bem como nas experiências relatadas por Ferrari e Barbosa (2014), Gontijo e Costa (2012) e Feitosa, Silva e Zacarias (2020), a interdição e marginalização das relações sexuais não impediam a sua quantidade e diversidade. Em geral, essas relações se davam não entre homens gays, mas com homens que socialmente se apresentavam e eram lidos como heterossexuais.

Saí de Ponto Novo em 2010, de lá até aqui a vivência das sexualidades dissidentes continua não se constituindo a partir de organizações, coletivos e/ou espaços públicos voltados para pessoas LGBTTTQIA+. Assim como muitos interiores do Brasil, Ponto Novo continua sem eventos ou festas voltadas para a população LGBTTTQIA+, sem paradas do orgulho e sem uma rede de sociabilidades constituída.

## RUPTURAS E REDES

A minha forma de viver e expressar a sexualidade muda completamente a partir de 2010, quando sou aprovado no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), que fica localizado na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Entre 2010 e 2015, período em que morei e fiz a graduação, Cachoeira e o CAHL eram conhecidos como o centro da diversidade sexual na UFRB.

A primeira grande diferença que marca a minha chegada em Cachoeira e na UFRB é a existência de pessoas LGBTTTQIA+ e da



forte expressão de gêneros e sexualidades dissidentes, uma referência incomum na minha vida até então. Ao contrário do Território Piemonte Norte do Itapicuru, onde havia poucos coletivos e tímidas ações pró-questões de gênero, diversidade sexual e direitos sexuais e reprodutivos, o Recôncavo da Bahia, já em 2010, pulsava a dissidência sexual e de gênero.

O CAHL abrigava em 2010 estudantes dos cursos de Artes Visuais, Ciências Sociais, Cinema e Audiovisual, Comunicação Social, Gestão Pública, História, Museologia e Serviço Social. Em estudo publicado em 2017, Silva (2017) ressalta que havia no CAHL um discurso que localizava o centro como o mais “gay” da UFRB e um espaço que respirava e acolhia a diversidade e as dissidências de gênero e sexualidades. Para Feitosa, Silva e Zacarias (2020, p. 322):

A UFRB, e mais especificamente o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) que está localizado em Cachoeira, não só contribuiu para que a cidade passasse a ser ocupada por pessoas LGBTTTQIA+ que vinham à universidade, como também instituiu processos discursivos e intervenções sociais, artísticas e culturais a partir dos grupos de pesquisa e estudos em gênero e sexualidade alocados na universidade. Direta e indiretamente havia uma relação entre a presença de pessoas LGBTTTQIA+ na universidade e o processo de vivência afetivo-sexual que se reconstruía na cidade pela presença de estudantes universitários vindos de diversos lugares do Brasil.

O afastamento geográfico da minha família e as novas redes de sociabilidade que passaram a ser construídas em minha vida a partir do ingresso na universidade foram definidoras no processo de



reconstrução da minha identidade e rompimento do armário, que não se deram de imediato, mas após um processo de autoaceitação mobilizado tanto pela inserção nos estudos de gênero e sexualidade quanto pela vivência com outras pessoas gays e lésbicas que já experienciavam suas sexualidades fora do armário.

Cheguei em Cachoeira ainda negando a minha sexualidade e estranhando os corpos que performavam publicamente gêneros e sexualidades dissidentes. Assim como aconteceu em outros momentos da minha vida, logo que cheguei ao CAHL, a identidade sexual que eu anunciava foi negada: se em Ponto Novo e na minha formação escolar eu era lido como viado, em Cachoeira as primeiras leituras dos outros sobre mim era do *gay encubado*.

A categoria identitária “gay” não fazia muito sentido para minha experiência até então. Até 2010, as minhas experiências afetivas públicas eram todas heterossexuais, eu era um homem que fazia sexo com outros homens, que na escola era chamado de viado, mas que tinha namorada, ia para a igreja, e seguia, dentro do possível, uma vida pública pautada pela heteronormatividade. Cachoeira e a UFRB me provocaram um outro tipo de confronto interno: o de me entender e de ser lido como parte de um grupo identitário que eu até então não pertencia.

A construção da minha identidade como homem gay, a partir da minha chegada em Cachoeira, envolveu primeiro a reconstrução de um armário, para depois vir uma ruptura parcial, que durante muito tempo foi marcada por uma vida dupla: em Cachoeira eu era um homem gay assumido, envolvido com a militância estudantil diante das questões de gênero e sexualidade, em Ponto Novo eu voltava para o homem gay no armário, que negava a sua identidade, silenciava os afetos e retomava a vivência dos desejos nos guetos.

A construção do orgulho e as primeiras rupturas do armário se deram a partir do ingresso no Coletivo de Diversidade Sexual Aquecida! – organização estudantil que discutia questões de gênero e sexualidade e denunciava institucionalmente as violências sofridas pelos estudantes LGBTQIA+, e dos agrupamentos coletivos, em especial a República Damas de Paus<sup>1</sup> – casa de estudantes onde habitavam oito meninos gays do CAHL.

Mesmo em centros universitários tão diversos quanto o CAHL, a heterossexualidade continuava sendo estabilizada como principal possibilidade legítima de expressão sexual, fazendo com que a saída do armário e a construção do orgulho nesse novo espaço também fossem mediadas por processos violentos. A universidade não está alheia aos mecanismos de reprodução de opressões e, segundo expressam Nardir *et al.* (2013) e Amaral (2014), ela reproduz, atualiza e produz hierarquias de classe, raça, gênero origem e sexualidade. A universidade precisa ser compreendida como uma instituição social que reflete a forma de funcionar da sociedade produzindo suas próprias regras, ordenamentos, estruturas, valores e normas de legitimidade internos a ela (AMARAL, 2014).

Se nos espaços de sociabilidade proporcionados pelos coletivos estudantis e agrupamentos coletivos a universidade se constituía para mim como um lugar onde a vivência e a expressão da minha sexualidade eram potencializadas, na sala de aula e nas relações acadêmicas e institucionais a disputa por reconhecimento e legitimidade se mantinha. O “falar que nem homem”, expressão marcante

---

<sup>1</sup> Moradia coletiva de estudantes do Centro de Artes, Humanidades e Letras. As “Damas”, como eram conhecidos, movimentaram durante os anos de 2010 e 2012 a cena LGBT do CAHL e de Cachoeira através de festas, performances e intervenções na universidade. O grupo era constituído por oito estudantes universitários homens, autodeclarados gays, que vivenciavam a experiência de sair do armário.

na minha infância nos processos de construção de armários, na tentativa de esconder e reduzir os impactos da minha performance de gênero não masculina, voltava a ser uma estratégia e um condicionamento para ser ouvido.

Mesmo já assumido e vivenciando abertamente a minha sexualidade em lugares públicos, o tempo inteiro a minha experiência formativa no CAHL foi marcada por essa dualidade: na casa onde eu residia, nas festas e nos espaços de sociabilidade era cada vez mais marcante a performance da gay afeminada, enquanto na sala de aula, com os colegas de classe, nas relações institucionais e hierárquicas essa mesma performance era contestada e invisibilizada.

Por diversas vezes me senti deslegitimado, silenciado e não ouvido em função da afetação, algo presente em minha performance de gênero nos meses seguintes à saída do armário. A minha sexualidade não heterossexual era um valor menor nas relações de poder estabelecidas no curso de História, e até ingressar nos estudos de gênero e sexualidade estive perdido, sem conseguir me vincular a nenhuma área específica do curso.

Durante muito tempo esse foi um grande paradoxo para o Centro de Artes Humanidades e Letras, já que havia um total descompasso entre a produção de dissidências nos espaços de sociabilidade da universidade e a normatização dos espaços institucionais. Em um estudo que realizei em 2017, para a obtenção do título de mestre, verifiquei, a partir de entrevistas etnonarradas com oito estudantes universitárias LGBTTTQIA+ do CAHL, que, para estudantes gays, o armário era utilizado como estratégia de permanência universitária, a fim de evitar confrontos e desgastes com professores e colegas (SILVA, 2017).

A sala de aula majoritariamente heterossexual e a perspectiva de ciência cis-masculina-heterossexual condicionaram um afastamento do meu curso de graduação, e um direcionamento para os estudos de gênero e sexualidade, potencializado a partir do ingresso no Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes. Entre 2010 e 2015, época em que realizei a graduação, não existiam no curso de História da UFRB disciplinas que discutissem questões de gênero e sexualidade e eram poucos os espaços institucionais que refletiam diretamente sobre essas questões.

Nesse processo de demanda de reconhecimento a partir da saída do armário, o curso de graduação foi perdendo centralidade na minha formação, dando espaço para as atividades formativas complementares. Quando ingresso no PET em 2012, convoco-me a refletir sobre a minha própria experiência, investigando os processos de permanência e afiliação de estudantes LBTTQIA+ na universidade, que posteriormente foram tema do meu trabalho de conclusão de curso e da dissertação de mestrado.

Durante todo o meu percurso formativo da graduação, nesse processo de autodescoberta e politização sobre as questões de gênero e sexualidade – e a minha própria identidade de gênero e sexual –, eu me mantive no armário para a minha família, meus amigos de infância e todas as relações afetivo-sociais que havia deixado em Ponto Novo. A cada nova volta para casa era um novo processo de retornar ao armário, de experienciar novamente o silêncio afetivo. Hoje, compreendo esse trânsito de entradas e saídas a partir de duas perspectivas: a da violência e do privilégio, questões que discuto no próximo tópico deste texto.

## TRÂNSITOS E INTERSECÇÕES

Tanto a partir da minha experiência pessoal e da vivência na República Damas de Paus quanto a partir da pesquisa realizada no mestrado, percebi que, mesmo o armário sendo uma instituição opressora, ele também se constitui como um privilégio para homens gays brancos homonormalizados. Afinal, quem pode transitar entre sair e entrar do armário? Para quais pessoas gays essa passabilidade é possível? Quando realizei a pesquisa de mestrado, entendi que esse trânsito era uma violência e um privilégio que nem toda pessoa gay acessa ou tem condições de usufruir.

Na minha experiência de vida, compreendo que por diversas vezes utilizei o armário como estratégia para não sofrer violências, mas também para não perder privilégios. As dinâmicas que me faziam não assumir para a família a minha sexualidade tinham a ver não somente com os processos violentos relatados anteriormente, mas também com o medo de ser retirado de um lugar de conforto: o que implicaria me assumir gay no meio da minha graduação?

Sou filho de um mecânico que estudou apenas até a 8ª série, hoje 9º ano do ensino fundamental, e de uma professora da rede pública de ensino. Sou o filho do meio, tenho duas irmãs, e fui o primeiro da minha família a acessar a universidade. Na classificação social por renda aplicada no Brasil, sou membro das classes D/E: meu pai segue desempregado e sem renda fixa desde sempre, minha mãe sustenta a casa com o salário de professora.

Entretanto, as minhas posicionalidades geográficas me colocam em lugares de privilégio diferentes: o custo de vida no interior é mais baixo que o da capital, a média de renda das pessoas é muito abaixo do mínimo para viver, e ser professora ainda é um status e

valor social cultivado. Ponto Novo é uma cidade de 18 mil habitantes, não possui indústrias e a renda dos munícipes vem da agricultura, do comércio e do quadro de empregos da prefeitura municipal, que muda a cada quatro ou oito anos.

Quando fui aprovado em História na UFRB, numa cidade que ficava a 279 quilômetros da minha residência, eu reunia condições socioeconômicas, mesmo que baixas, para permanecer na universidade. Minha mãe, mesmo com seu salário de professora, arcou sozinha durante o primeiro semestre com as despesas decorrentes do ingresso na universidade, até que passei a receber uma bolsa do programa de assistência estudantil da UFRB.

Me assumir gay durante a graduação implicaria então perder o lugar de estabilidade afetiva, econômica e social que eu mantinha com minha família. O medo de ser expulso de casa simbolicamente, já que eu não morava mais lá, e perder os privilégios decorrentes disso, me atormentavam e condicionavam a manutenção do armário. Durante o primeiro ano de curso, nas voltas para casa, eu ainda me esforçava para jogar o jogo da heteronormatividade.

Após o ingresso na militância estudantil e nos estudos de gênero e sexualidade, a volta para Ponto Novo representava um lugar assombroso de múltiplos silêncios. Esses silêncios reverberaram em múltiplas recusas e distanciamentos: quanto mais eu estudava sobre as questões de gênero e sexualidade, menos eu compartilhava em casa a minha vivência universitária, menos meu entorno familiar sabia sobre o que eu estudava e pesquisava.

O ponto alto desse processo de silenciamento foi a publicação, no ano de 2013, do livro *Currículo, formação e universidade: autobiografias, permanência e êxito acadêmico de estudantes de origem popular*, organizado por Nascimento e Jesus (2013). O livro é composto

por narrativas autobiográficas das trajetórias de vida e formação de estudantes universitários da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, entre elas, a minha, que foi publicada com o título “Escritas e leituras de mim: uma reflexão acerca do acesso, da permanência e do currículo através da trajetória de vida” (SILVA, 2013).

Os dilemas entre as entradas e saídas do armário, em função das questões já relatadas, fizeram com que eu não mencionasse, em toda a escrita autobiográfica da minha trajetória de vida e formação, os atravessamentos que as questões de gênero e sexualidade tiveram e têm no meu processo formativo e na constituição da minha identidade e subjetividade.

A escrita de um capítulo de livro, no meio da graduação, relatando a minha trajetória de vida, era um marco e uma celebração não só para mim, mas também para a minha família, amigos e aqueles que construíram comigo todo esse processo formativo. Foram escritas e leituras de mim, sem ser eu mesmo. Me apaguei completamente em função das expectativas dos outros e de mim mesmo sobre o que aquele momento significaria, e não existe ali qualquer menção às questões que sempre atravessaram a minha vida e formação: as minhas dissidências de gênero e sexualidade.

Em 2015, dois anos após a publicação do livro, escrevi um texto para a revista *Ars Historica*, em que falo sobre o processo de apagamento da minha sexualidade na minha escrita autobiográfica, uma reflexão a partir da releitura do capítulo de livro anteriormente mencionado, que tinha como objetivo identificar como o armário moldava, regulava e transformava as minhas relações afetivas, sexuais e de gênero desde a minha infância até o meu acesso e a minha permanência na universidade (SILVA, 2016).

Ao analisar minha autobiografia, consigo perceber os diversos momentos em que após ter saído do armário, tive que retornar. Na verdade, a saída do armário ainda não aconteceu por completo em minha vida, ainda hoje vivo, não mais no trânsito, mas na privatização e ocultação dos meus desejos. Todas as vezes que volto para a casa da minha família, a minha sexualidade é guardada no armário. (SILVA, 2016, p. 298).

O texto foi publicado somente em 2016, quando eu já havia me assumido para minha família. Entretanto, o processo de escrita se deu quando as dinâmicas do armário passavam a me sufocar.

Em minha atual residência, com os meus amigos, nos espaços de lazer e descontração, ou em outras palavras nos espaços privados da minha existência, eu sou assumidamente homossexual, entretanto, nos espaços acadêmicos, no trabalho, no estágio, nas relações profissionais/acadêmicas, nos espaços públicos, para ser respeitado, a minha sexualidade tem que novamente ser trancafiada nos armários. (SILVA, 2016, p. 299).

Os processos que embasaram as reflexões que faço nesse texto se repetiram na construção do meu trabalho de conclusão de curso, no qual faço uma reflexão acerca da permanência de pessoas LGBT na UFRB. O trabalho foi defendido em novembro de 2014, sem a participação de nenhuma pessoa de minha família, pois eu ainda não havia reunido coragem para bancar publicamente a minha sexualidade e minhas escolhas teórico-metodológicas que se misturavam naquele momento.

O processo de sair do armário para minha família aconteceu somente em 2015, durante o primeiro ano do mestrado, quando, com a universidade em greve e as atividades da pesquisa paralisadas,



eu tive que retornar para casa. Eu fiz o movimento de saída do armário, não fui expulso, não fui descoberto, nem violentado nas retiradas forçadas que diariamente acontecem com pessoas LGBT. Meu projeto de vida, minha situação socioeconômica enquanto bolsista de pós-graduação e a maturação de minhas reflexões teórico-políticas criaram as condições para os movimentos de saída que, assim como reflete Sedgwick (2007), nunca se findam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dizer em voz alta que sou gay, em princípio, alterou minimamente as relações afetivas com minha família. Meus pais estão separados desde 2008, minha convivência familiar se reduziu à minha mãe e às minhas duas irmãs, e até hoje nunca conversei abertamente com meu pai sobre a minha sexualidade, mesmo ele sabendo que estou em um relacionamento homoafetivo de seis anos.

Durante os primeiros anos após a minha saída do armário, minha sexualidade continuou sendo ignorada: todos já sabiam, mas continuavam fingindo não saber. Os diálogos e as trocas nunca perpassavam questões afetivo-sexuais, e outros atributos sociais começaram a compensar a não heterossexualidade. O modo como as famílias têm evitado pessoas gays através do não reconhecimento de suas identidades, de suas experiências e de seus relacionamentos homoafetivos é uma forma de crueldade mental que se desenha a fim de fingir que a vítima não existe ou sequer existiu (SCHULMAN, 2012).

Segundo Schulman (2012), historicamente, a família se constituiu como um lugar violento para pessoas gays, na qual, ritualmente, a sua vida, o seu jeito de ser, os seus relacionamentos e os

seus parceiros são evitados. A evitação se dá de forma imitativa, sem grandes esforços, num movimento que ignora a identidade, as relações e as conquistas advindas a partir dela. Após tornar a minha sexualidade pública, a evitação foi, assim como relata Schulman (2012), a forma mais corriqueira de homofobia que passei a experimentar.

Os novos movimentos de entrada e saída dos armários que se deram a partir daí não eram mais sobre a publicização da sexualidade, mas sobre a publicização dos afetos. Estou em um relacionamento homoafetivo desde 2015 e as situações que envolveram integrar ele à minha família e ser integrado à dele caracterizaram novos processos daquilo que durante este texto tenho chamado de entradas e saídas de armários, e que Schulman (2012) define como evitação.

Ingressei no doutorado em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Gênero, Mulheres e Feminismo, na Universidade Federal da Bahia. Em função do corte de gastos promovido pelo governo Temer, após o golpe que tirou a presidente Dilma Rousseff do governo federal em 2016, eu, assim como outros tantos pesquisadores do Brasil, não tive acesso a bolsas de doutorado.

Desempregado e sem condições de continuar pagando aluguel em Salvador, sete anos após ter saído de casa, retornei para Ponto Novo, novamente para a casa da minha mãe, dessa vez não mais como visita. Voltar para casa, mesmo após ter saído do armário, sempre representou um lugar de insegurança e medo. Era como se, novamente, eu estivesse voltando para os lugares de violência que ao longo dos últimos anos, com muito esforço, eu havia conseguido sair. Conjecturei os piores cenários: o da não aceitação, da privatização dos afetos e, especialmente, o da impossibilidade de vivência do meu relacionamento.

Schulman (2012) chama de evitação esse processo de tornar desconfortável a acolhida das famílias dos parceiros de pessoas gays. Disfarçada sobre a pecha do respeito e da violência não dita, a evitação interdita, em igual medida, a vivência e expressão das sexualidades e dos afetos. O processo de inclusão de meu parceiro na minha família foi permeado de evitações. Além de mim e da minha sexualidade de mandarem processos de aceitação, meu relacionamento agora passava pelo mesmo processo: que foi de negação a aceitação parcial.

Seja pelos processos de evitação, seja pelos processos de negação, silenciamento e interdição, o armário permaneceu contínuo e central em minha trajetória. A cada novo encontro, a cada nova entrevista de emprego, em cada participação em espaços essencialmente heterossexuais e normatizados, novas suposições e novos processos de saídas são criados. No momento atual, em que as questões de gênero e sexualidade estão sendo cada vez mais politizadas e objetos de discussão pública, os movimentos de saída desses armários mostram-se também cada vez mais necessários.

Retornar a Ponto Novo em 2017, já com a sexualidade fora do armário, reconstruir a relação com minha mãe e minha família a partir da presença de meu companheiro e me posicionar como homem gay me ajudaram a perceber as potencialidades da vivência pública das nossas dissidências sexuais e de gênero. Ainda hoje, muitos meninos e meninas gays e lésbicas lidam com a construção de armários, guetos, e com processos de evitação das suas identidades e subjetividades. Precisamos romper as amarras de gênero e sexualidade, para que outras tessituras criem condições de vivência e expressão das sexualidades sem movimentos de entradas e saídas.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Julião Gonçalves. Coletivos Universitários de Diversidade Sexual e a crítica à institucionalização da militância LGBTTQIA+. *Século XXI – Revista de Ciências Sociais*, Santa Maria, v. 4, n. 2, p. 133-179, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. v. 2
- FEITOSA, Cleyton; SILVA, Elder Luan dos Santos; ZACARIAS, Vinícius Santos da Silva. Reflexões críticas da mesa “Ser ‘gay’ de interior”: vivências, existências e resistências político-afetivas. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 6, n. 2, p. 310-332, 2020.
- FERRARI, Anderson; BARBOSA, João Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 8, n. 11, p. 211-236, 2014.
- GONTIJO, Fabiano de Souza; COSTA, Francisca Célia da Silva. “Ser Traveco é Melhor que Mulher”: considerações preliminares acerca das discursividades do desenvolvimentismo e da heteronormatividade no mundo rural piauiense. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 8, p. 171-186, 2012.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Unicamp, 1990.
- NARDI, Henrique Caetano *et al.* O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. *Revista Teoria & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 2, n. 21, jul.-dez. 2013.

NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do; JESUS, Rita de Cássia Dias de. *Currículo, formação e universidade: autobiografias, permanência e êxito acadêmico de estudantes de origem popular*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013. v. 1.

NASCIMENTO, Érico; FERNANDEZ, Osvaldo. Espaços de sociabilidade homossexual em Salvador: há um gueto gay? *In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, 2010, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Enecult, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24920.pdf>. Acesso em: 26 maio 2020.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 4, n. 5, p. 67-78, 2012.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 19-54, 2007.

SILVA, Elder Luan dos Santos. Escritas e leituras de mim: uma reflexão acerca do acesso, da permanência e do currículo através da trajetória de vida. *In: NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do; JESUS, Rita de Cássia Dias de. (Org.). Currículo, formação e universidade: autobiografias, permanência e êxito acadêmico de estudantes de origem popular*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013. v. 1, p. 96-102.

SILVA, Elder Luan dos Santos. Escritas e leituras de mim: uma reflexão acerca da epistemologia do armário a partir da minha autobiografia. *Ars Historica*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 292-306, 2016.

SILVA, Elder Luan dos Santos. *Trajetória, permanência e afiliação de estudantes LGBTs na UFRB: a transformação do estigma em orgulho*. 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.